

Ambrose Bierce

ACAMPAMENTO DOS MORTOS

Tradução Inédita

LITERATURA DESCOBERTA

Ambrose Bierce

acampamento dos mortos

Tradução
Laura Scaramussa Azevedo

Revisão
Lilian Scaramussa Azevedo

acampamento dos mortos

A Bivouac of the Dead – Publicado em 1903

No coração dos Montes Allegheny, no Condado de Pocahontas, Virgínia Ocidental, fica um pequeno vale, muito belo, pelo qual corre o afluente leste do rio Greenbrier. No ponto onde a estrada do vale cruza a antiga rodovia Staunton e Parkersburg, uma via famosa antigamente, há um posto dos correios numa casa de fazenda. O nome do lugar é Repouso dos Viajantes, pois já fora uma taverna. Cercando algumas colinas baixas a poucos passos da casa, há longas fileiras de antigas fortificações do exército Confederado habilmente projetadas e tão bem "conservadas" que uma hora de trabalho de uma brigada as deixaria em condições de serem utilizadas na próxima guerra civil. Esse local recebeu uma batalha – que foi chamada de batalha dos dias de "inocência e rebeldia" da grande rebelião. Uma brigada de tropas Federais, entre elas a unidade do escritor que vos fala, percorreu o Monte de Cheat, vinte e cinco quilômetros a oeste, e, tecendo seus caminhos através do pequeno vale, sentia a presença do inimigo o dia todo, mas o inimigo também sentia a presença da tropa adversária. Houve uma grande troca de tiros de canhão, que matou cerca de doze homens de cada lado; e então, percebendo que o local era fortificado demais para o ataque, os Federais chamaram o caso de "reconhecimento da força", e, após enterrar seus mortos, retornou para o local confortável de onde vieram. Os mortos agora jazem em um formoso cemitério nacional, aqueles que foram identificados, devidamente registrados, acompanhados por outros Federais mortos nos vários campos de batalha da Virgínia Ocidental. O soldado caído (a palavra "herói" parece ser uma invenção posterior) ganhava a homenagem mais humilde possível.

Seu papel em toda a pompa
Do circuito das Colinas de Verão

É sua cova verde.

É verdade; mais da metade das covas verdes no cemitério de Grafton estão marcadas como "Desconhecido", e, uma vez ou outra, acontece de alguém pensar na contradição envolvida em "honrar a memória" daquele que não sobra memória para honrar, mas a tentativa parece não causar grandes danos aos vivos, mesmo aos racionais.

Algumas centenas de metros atrás da antiga construção Confederada há uma colina arborizada. Anos atrás, não havia árvores lá. Nesse local, por entre as árvores e nos arbustos, há fileiras de depressões rasas, que são descobertas ao remover os montes de folhas caídas. Delas pode-se retirar (e, em reverência, devolver) pequenos fragmentos de pedras rachadas do campo com inscrições rudimentares e discretas feitas pelos companheiros. Encontrei apenas uma que trazia data, somente uma continha o nome completo do homem e sua unidade. No total, encontrei oito.

Nestas sepulturas esquecidas descansam os Confederados mortos – entre oitenta e cem soldados, pelo que se pode ver. Alguns caíram na "batalha"; a maioria morreu de doenças. Dois, apenas dois, parecem ter sido desenterrados para serem velados em seus lares. Esse cemitério é tão negligenciado e obscuro que apenas o proprietário da fazenda onde ele se localiza – o velho agente dos correios do Repouso dos Viajantes – parece saber sobre sua existência. Homens que vivem a dois quilômetros do local nunca ouviram falar de lá. No entanto, outros homens que ajudaram a sepultar esses soldados do sul e que ainda estão vivos poderiam identificar algumas dessas covas. Há algum homem, no norte ou no sul, que recusaria dar-se ao esforço de proporcionar aos seus irmãos caídos o tributo das sepulturas verdes? Ninguém quer pensar que sim. É verdade que há centenas de locais como esse que ainda podem ser descobertos no rastro da Grande Guerra. Mas, é mais forte a demanda silenciosa – o apelo silencioso desses irmãos caídos pelo que é "o mais próximo de Deus que chega a alma.".

Eles eram adversários honestos e corajosos, tinham pouco em comum com os políticos loucos que os persuadiram à sua desgraça e aos portadores de um falso testemunho literário posterior. Estes não viveram durante o período de lutas honrosas ao período de difamação – não passaram do tempo da erudição para o da guerra – da era das espadas para aquela do argumento e da pena. Entre eles não havia membro algum da

Sociedade Histórica do Sul. Seus valores não se apoiavam na fúria dos não combatentes; eles não têm voz no trovão e nos gritos dos civis. A dignidade e a emoção sem fim da Causa Perdida da Confederação não são prejudicadas por eles. Deem-lhes, a estes cavalheiros inocentes, sua parte de direito em toda a pompa do circuito das Colinas de Verão.

Sobre o autor

Ambrose Bierce nasceu em Meigs County, Ohio, Estados Unidos, no dia 24 de junho de 1842, sendo o décimo dos treze filhos de Marcus Aurelius Bierce e Laura Sherwood Bierce. Seus pais eram pobres, mas incentivaram a leitura e a escrita a Ambrose. Ele cresceu em Kosciusco County e deixou sua casa aos quinze anos para trabalhar no jornal abolicionista de Ohio, o "Northern Indianan".

No início da Guerra Civil Americana, Bierce se alistou no exército Americano, participando em operações na Virgínia Ocidental. Em abril de 1862, ele lutou na Batalha de Shiloh, uma experiência traumática para o autor, que serviu de inspiração para vários contos. Ele se aposentou da carreira militar em janeiro de 1865. No entanto, Bierce retornou ao exército em 1866 em uma expedição para inspecionar postos avançados nas Grandes Planícies, chegando, no fim do ano, a São Francisco, Califórnia.

Em 1871, casou-se com Mary Ellen "Mollie" Day; juntos os dois tiveram três filhos: Day, Leigh e Ellen. Os dois filhos morreram em 1889 e 1901. Bierce e Mary Ellen se separaram em 1888, divorciando-se em 1904. Molly faleceu no ano seguinte.

Quando vivo, Bierce era mais conhecido por seu trabalho como jornalista do que por seus contos fictícios. Ele escrevia contos realistas sobre o tempo da Guerra Civil. Sua coleção de 25 contos é conhecida como o melhor documento contra guerras da literatura americana. Ele também contribuiu para a escrita do terror psicológico.

Em outubro de 1913, com 71 anos, Bierce partiu de Washington D.C. para uma viagem pelos campos de batalha nos quais lutou na guerra. Quando chegou em El Paso, no México, ele se juntou ao exército de Pancho Villa, um revolucionário da Revolução Mexicana, acompanhando-os até a cidade de Chihuahua. A última notícia que se teve de Ambrose Bierce foi uma carta enviada à sua amiga próxima, Blanche Partington, em 26 de dezembro do mesmo ano, desaparecendo logo após.

Apesar de ter sido feita uma investigação, nunca houve uma resposta conclusiva sobre o desaparecimento do escritor.

Conheça outras obras publicadas pelo Literatura Descoberta

- Uma Emboscada Surpreendente, Ambrose Bierce
- O Vale das Três Colinas, Nathaniel Hawthorne
- Isso não é uma História, O. Henry
- Cara de Lua, Jack London
- A Ilha da Fada, Edgar Allan Poe
- O Milésimo Segundo Conto de Sherazade, Edgar Allan Poe
- Von Kempelen e sua Descoberta, Edgar Allan Poe
- O Fabricante de Diamantes, H.G. Wells

Copyright © 2019 de Laura Scaramussa Azevedo

Todos os direitos reservados.

Este e-book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, da tradutora, exceto pelo uso de citações breves devidamente referenciadas em uma resenha do e-book ou em produções acadêmicas.

Segunda edição, 2019.

A versão original do texto, em inglês, está disponível no portal do Domínio Público.

E-mail para contato: literaturadescoberta@gmail.com

Conheça o projeto no Instagram: @literaturadescoberta